

L E T R A S



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano 1 nº 07 Brasília, 08 de outubro de 1999

Câmara
homenageia
Pompeu de Sousa

Em tempo de Primavera

Rioke lança **Cultura Capital**

Valéria Velasco

“O medo ameaça o DF”

Revisão constitucional

Entrevista/Ryoke Inoue

Eurípedes Camargo-PT



A autonomia política conquistada pelo Distrito Federal, com a eleição direta para governador e a criação da Câmara Legislativa, formou na população a expectativa de que importantes mudanças ocorreriam rumo à autonomia financeira. Durante a elaboração da Lei Orgânica, essa expectativa foi em grande parte desfeita com a derrota da proposta de eleições diretas para as administrações regionais, passo importante para a municipalização do DF e condição essencial para nossa autonomia econômico-financeira.

O Distrito Federal vive hoje uma realidade ambígua. Apesar da Constituição de 1988 ter dado ao DF autonomia idêntica a dos demais Estados da Federação, caracterizando-o por conseguinte como um Estado, o Distrito Federal ainda depende das transferências diretas feitas pela União, que se referem a uma parte devida na arrecadação tributária do Imposto de Renda e do Imposto sobre Produtos Industrializados, não repassada na alíquota atual do DF no Fundo de Participação dos Estados e na ausência de participação de suas regiões administrativas no Fundo de Participação dos Municípios. A quota de participação é, portanto, insignificante, sujeitando o Distrito Federal a uma situação humilhante de dependência do Executivo federal, com reflexos diretos nos serviços públicos de saúde, segurança e educação.

Fernando Naves-PP



A transferência de recursos da União para o Distrito Federal é uma ação lógica que deve ser mantida na revisão constitucional, como forma de preservar a integridade econômica do DF, Capital da República.

Brasília tornou-se uma cidade atípica, aportando o Poder Público Federal, as representações dos Estados, os organismos Internacionais e ainda abriga e atende habitantes de outras Unidades da Federação. Todo este acúmulo numa cidade que não é auto-suficiente e que não foi projetada para tal. Se a União não mantiver o acordo que vem honrando há anos, a cidade corre o risco de não sobreviver.

O que nos causa estranheza maior é que Brasília paga pela falta de assistência dos demais estados, como já constamos anteriormente, mas é conhecida como "a capital da impunidade", talvez por não cobrar das outras localidades o que seria merecido. É uma situação, no mínimo, antagônica.

A solução para alcançarmos a nossa independência é a implantação de indústrias não poluentes, setorizadas nas cidades-satélites, de forma a dar autonomia a todas e cada uma delas. Mas, este processo, como ocorre em todas as metrópoles, é lento e gradual e Brasília não poderá ser punida com um corte abrupto de recursos, na revisão constitucional.

Ele já escreveu mais de 1009 livros. Autor mundialmente consagrado, figurando no Guinness Records, o "livro dos records", como o escritor que mais publicou romances em todo o mundo, Ryoki Inoue, paulistano de Vila Mariana, decidiu morar em Brasília. Veio "buscar as coisas na fonte" para a nova linha mística-filosófica que passou a adotar. "Brasília é isso" — observa. Ryoki já entrou no mercado japonês — escreve para a colônia brasileira — e pretende entrar firme no mercado norte-americano. Através de sua editora Brigde, já instalada em Brasília, vai lançar a revista **Cultura Capital** dedicada a revelar a verdadeira cultura contra as manifestações "pseudo-culturais" que existem por aí. A revista sai em outubro.

Brasília é fonte de inspiração

NELSON PANTOJA

Jornalista

O que o motivou a morar em Brasília?

Foi uma linha de livros esotéricos que comeci a desenvolver no ano passado. Em julho, agosto, com o romance a "Bruxa". É uma linha que não tem nada com o estilo do Paulo Coelho.

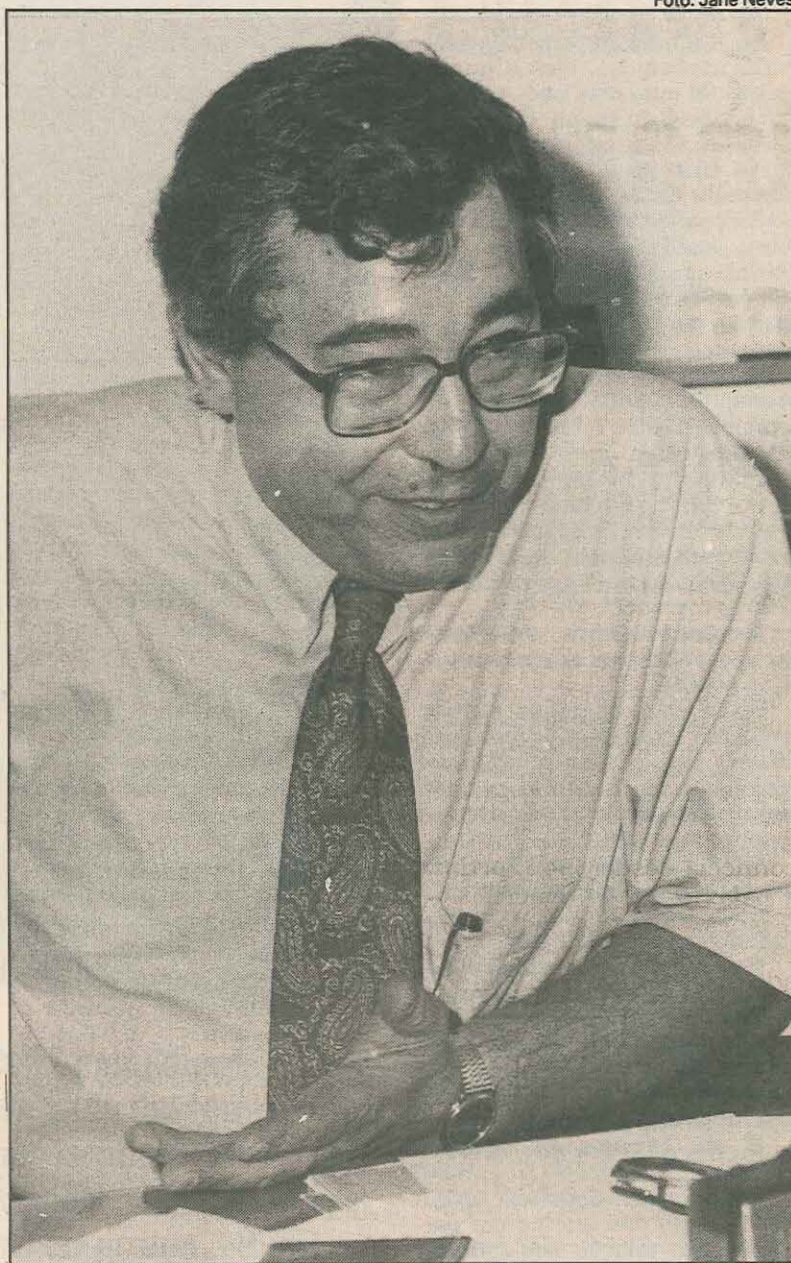
O que diferencia o seu trabalho da linha do Paulo Coelho?

O Paulo Coelho escreve e faz considerações a respeito da linha mística-filosófica. Eu não. Eu simplesmente escrevo, narro, descrevo uma estória onde acontecem algumas coisas místicas, espiritualistas ou espiritistas, alguma coisa assim... O segundo livro da série que eu lancei aqui em Brasília chama-se "O Nome não importa"...

Quando foi o lançamento?

Foi em agosto. Dia 24. Este livro é uma aventura de um escritor cartesiano, bastante cético, pé-no-chão, meio materialistas até, que vive uma experiência espiritualistas. Bem voltada, no caso, para o kardecismo. No livro "A Bruxa" o contexto é mais no âmbito da demonologia. O terceiro livro da série deve sair ainda este ano. Vai se chamar "O Mensageiro". É um livro que fala

"Estou morando em Brasília com o objetivo de buscar as coisas na fonte. Sigo agora uma linha mística, embora diferente do Paulo Coelho. E Brasília é isso"



Ryoki utilizou 39 pseudônimos em seus livros de bolso

sobre supostos seres extraterrestres que podem ser verdadeiramente os espíritos dos que ficaram aqui. A idéia, enfim, é polemizar um pouco o conceito padrão espiritualidade jogando algumas coisinhas de ficção científica. Não será um livro de ficção científica, de jeito nenhum, embora possa até ser visto por este ângulo. Estou pesquisando algumas coisas bastante interessantes nesta área, inclusive um relatório da Nasa de 72.

E Brasília, pela fama de Capital de Terceiro Milênio, é o local ideal para você desenvolver estes trabalhos?

Brasília, além de tudo, é uma cidade mística. Tem uma população de místicos muito grande. É um manancial de estórias. O objetivo é ir buscar as coisas na fonte.

Há quanto tempo você já mora em Brasília?

Entre idas e vindas, desde janeiro. Mas mudar mesmo há dois meses.

Quer dizer: esta estória toda de Brasília mística, Nova Era, favorece o seu trabalho?

É. É isso mesmo...

Você já fez contatos com grupos esotéricos aqui em Brasília. Tá desenvolvendo pesquisas neste campo?

Não chegou a hora ainda de

fazer com grupos, mas com várias pessoas que têm uma tendência bastante puxada para este lado. Já estive por exemplo na Pirâmide de Cristal, mas não visitei ainda o Vale do Amanhecer. Tem uma porção de lugares que pretendo ir. Já ouvi falar sobre um grupo que mantém contato com extraterrestres. Vou procurar todo mundo.

Vamos a nossa curiosidade maior: como você explica esta pontencialidade de já ter escrito mais de mil livros? Como acontece?

Acontecendo..

Acontecendo, como?

Não tem fórmula.

Se não tem explicação científica, mística, nem explicação literária, tem o quê?

Uma explicação paranormal? Pode ter, não sei. Pode realmente ter, mas eu, sinceramente, nunca me preocupei em ficar destrinchando isso. Eu sempre penso um bom começo para um livro. Eu sento e começo a contar uma estória pra mim mesmo. E aí sai um livro.

Com esta fórmula aparentemente simples quantos livros você já escreveu?

1009 livros.

Esta produção toda o levou a entrar no Guinness Book. Quando isto aconteceu?

□ Entrevista/Ryoke Inoue

No Guinness eu entrei, efetivamente, em 91. Mas a publicação foi feita este ano, em 93, no Guinness do Brasil. O do Brasil saiu adiantado em relação ao internacional. Ano que vem deve sair no internacional.

Antes de você, algum latino-americano tinha sido citado pelo Guinness Book por ter uma produção de livros deste nível? Em suma você suplantou alguém?

Não, nenhum latino-americano. Tem um hindu que escreveu 1092 contos. Eram short-stories. Quer dizer: não contam. Publicações de quatro, cinco páginas. Não vale como concorrente. E tem, aliás tinha, um espanhol, cujo nome não me lembro, que escreveu 725 livros.

Evidentemente, você escreve sobre os mais variados temas.

Sobre todos os temas. Comecei com bang-bang, faroeste. Passei para policiais, espionagem, fui para ficção científica, aventuras de um modo geral e agora romances.

Você começou então com os famosos bolsilivros?

Eu dominei 95% do mercado há três anos atrás.

Em média, em termos de edição, quantos livros eram publicados?

Nós temos que dividir. Na época dos livros de bolso era uma tiragem fixa de 10 mil exemplares por título.

E em termos de venda-gem?

Vendia tudo. Esgotava tudo. Que nem pão quente em padaria. Em relação aos romances a tiragem média é de cinco mil exemplares que em nível de Brasília é muito boa.

O Brasil é um País de poucos leitores?

É, o brasileiro é um péssimo leitor. Em termos de leitura o nosso povo lê menos de um livro por ano. 0,7, 0,8 por aí assim. A média dos argentinos já pula pra 8, os japoneses chegam a mais de 30, os franceses passam dos 20, os espanhóis chegam a quase 30.

E como um escritor consegue sobreviver num país de analfabetos?

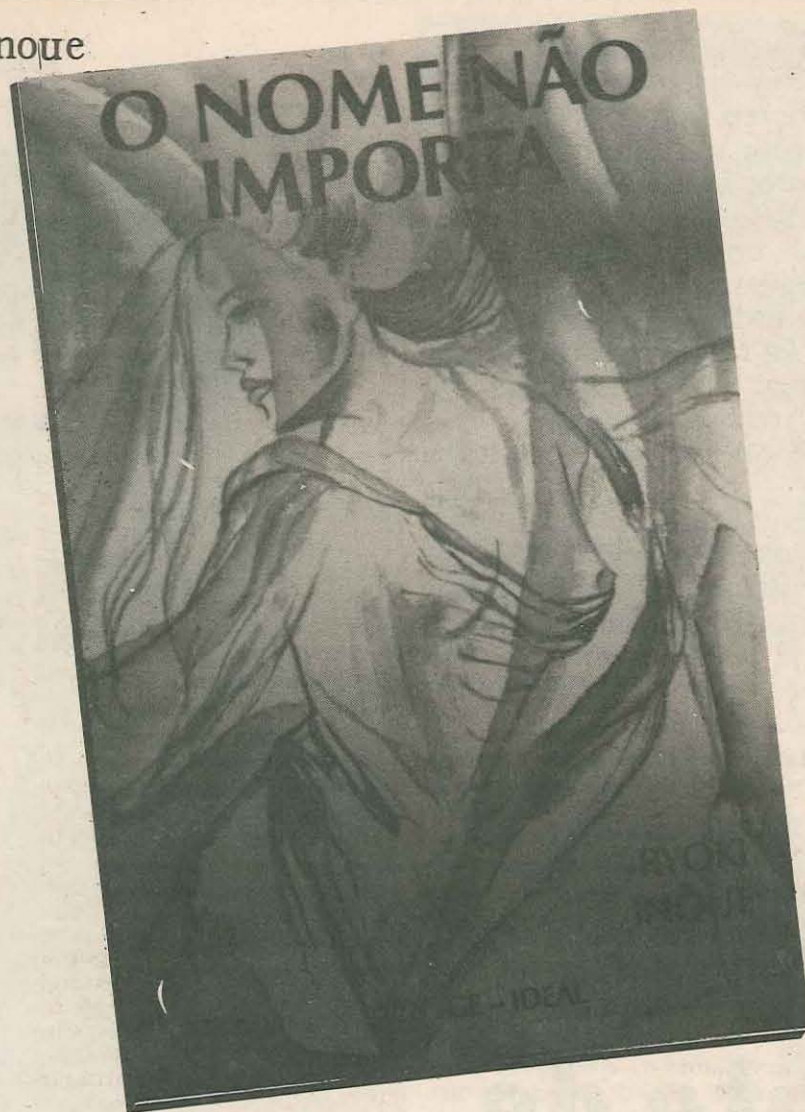
Não é fácil não. É duro, mas a gente vai levando.

Exatamente quando você começou a produzir os livros?

Exatamente em 1º de julho de 86.

Antes, você fazia o quê?

Era médico. Chefiava, no interior de São Paulo, uma equipe de oito cirurgiões. Ante todas as dificuldades que eu enfrentava, quer dizer, um trabalho exaustivo, prejudicial à minha própria saúde e ainda receber no final do mês um salário humilhante, aviltante, optei por esta saída. Foi mais cômodo.



“Já publiquei 1009 livros. Talvez seja um talento paranormal, não sei. Comecei com bang-bang, faroeste. Hoje escrevo romances. Em 94, entrou no Guinness internacional”

Mas não deve ter sido fácil. Como é que foi? Escreveu o primeiro, deu certo, veio o segundo... Como foi?

Escrevi o primeiro, um bang-bang, mandei para uma editora do Rio. Mandaram um cheque que não dava sequer para pagar o papel e uma cartinha dizendo que publicariam o que eu escrevesse. Retornei pedindo o papel. Eles mandaram o papel. Aí eu comecei a escrever tendo por meta produzir o suficiente para ganhar, no mínimo, o mesmo que recebia como médico. Tive que trabalhar pra burro. Entrei num ritmo de produção quase industrial.

Você, naturalmente, adotou uma rotina?

Eu tinha. Agora como estou voltado mais para escrever romances a coisa é outra. O nível de pesquisa é outro. Mais demorado... A arquitetura do texto é diferente. Então a gente tem outro ritmo. Quando estava no pique da produção cheguei a fazer três livros por dia.

Em termos de páginas, qual a média?

12 laudas (20 linhas por página). Agora para fazer estes livros que estão sendo exportados para o Japão demora cerca de três dias.

Como você entrou no mercado japonês?

Deixa eu fazer umas considerações. Uma edição experimental no Japão nunca é inferior a 130 mil exemplares. Experimental. Uma edição normal chega a 300, 400 mil exemplares. Só na cidade de Tóquio ocorre diariamente um novo lançamento por dia. Vale também uma curiosidade: no Japão o livro é descartável. Não é como no Brasil. Lá, outra curiosidade: eles não têm espaço para guardar livros. Tem ainda a questão de higiene. Eles acham que uma pessoa pode transmitir germes para outra quando empresta um livro depois, evidentemente, de manuseá-lo. Por isso normalmente um japonês não passa um livro para outro. Eles têm uma preocupação desgraçada com a higiene.

Em outras palavras: no Japão não existe sebo de livros?

Não existe. De jeito nenhum. Se tiver uma loja praticando este tipo de comércio o livro é esterilizado, etc... Uma complicação danada. Bom, feitas estas explicações, deixa eu explicar como entrei no mercado. O mercado funciona desse jeito, o que leva a ter uma produção extraordinária. Mas o mercado que eu entrei não é este. É o mercado dos brasileiros que estão por lá. Existem 250 mil brasileiros trabalhando no Japão. Estes brasileiros não sabem nem falar e muito menos ler japonês. Eles então têm uma necessidade brutal de leitura. É um filão que nós entramos. Eles me encomendaram a criação de um personagem mestiço e já estamos no livro número quatro. Tudo porque eles têm esta necessidade de leitura. A série que eu programei é de 15 livros. Pode chegar até lá, diminuir, conforme o êxito. Depende da vida útil do personagem. Acontece que a aceitação foi muito boa e os japoneses agora estão criando uma série em quadrinhos do Mário Nokaki, que é o personagem. Acho que aí sim a coisa vai estourar.

Voltando para Brasília. Seus planos aqui incluem a publicação de uma revista voltada para a cultura. Como é isso?

O nosso propósito é produzir em Brasília. E agora já surge o primeiro filhote: a criação de uma revista, a Cultura Capital, cujo projeto já está em andamento. O objetivo principal é abrir espaço para a publicação de matérias sobre cultura, obviamente. Matérias que sejam, de fato, sobre cultura não sobre a pseudo-cultura que nós já estamos cansados de ver.

Qual a periodicidade?

A princípio, mensal. Mas podemos chegar, com o passar do tempo, até mesmo a semanal. O lançamento, pelo que o grupo de editores que está trabalhando na Cultura Capital projeta, deve ocorrer pelo dia 25 de outubro. O Cláudio Lysias, que você conhece, ficou com a responsabilidade da criação visual. Acredito que a revista vai funcionar direitinho...

Não tem aquele clássico perigo, tão comum em Brasília, da Cultura Capital surgir e sumir do mercado como por encanto?

Nós temos uma preocupação empresarial. Nós temos esta filosofia. Até hoje, aqui em Brasília, como você mesmo diz, todas as revistas que começaram não foram pra frente porque não tiveram esta preocupação. A nossa editora, a Brigde, tem esta preocupação tanto que estamos com três experimentadores administradores justamente para dar este suporte. Acredito que esta revista vá funcionar. O nosso projeto, portanto, é ficar em Brasília. Daqui mesmo nós também es-

“Vamos lançar em Brasília a revista ‘Cultura Capital’. Dedicada a publicar a verdadeira cultura e não a pseudo-cultura que a gente tem por aí”.

tamos tentando entrar no mercado norte-americano. É uma penetração mais séria. Não apenas livros em português para os brasileiros residentes neste País, mas livros para serem traduzidos para o mercado norte-americano propriamente dito.

E para o mercado latino-americano? Há algum plano?

Olha, eu escrevi um livro, isto foi em julho do ano passado, quando o Escobar, o do Cartel de Medellin, fugiu...

Sim, o Pablo..

É, “O El Pablito”... Ele fugiu e ficou aquela onda de caça, pega o Escobar. Ai teve um grupo que, numa rodada de uísque, fez uma aposta: de que eu não conseguiria escrever um livro, um romance, e lançar, publicá-lo, antes que ele fosse capturado. Eu topei. E comecei a trabalhar no livro. Em meio ao trabalho que não queria perder a aposta, ficava mandando fax dizendo “olha, a qualquer momento, ele vai ser preso”. Foi a maior pressão psicológica. Mas fiz o livro em cinco dias, no final de semana ele foi rodado e foi colocado no mercado. E até hoje o desgraçado do “El Pablito” não foi encontrado. Ganhei a aposta... O trabalho todo demorou uma semana.

Pelo jeito ninguém se aventura a fazer este tipo de aposta em relação a PC?

É, pois é...

Para produzir como você produz, evidentemente, você lida com a informática?

No início, era na máquina mesmo. Pesquisas em biblioteca, etc... Agora não posso mais abrir mão da tecnologia. Usó dois computadores. Um para escrever e outro que me serve como bancos de dados.

Quer dizer: você decide que vai fazer um livro cuja trama se desenrola em Goiás, por exemplo. Para ambientar o personagem você já dispõe de todas as informações no computador?

Eu tenho tudo. Hoje em dia não há como escapar da informática. Se programo um livro, dentro deste ou daquele ambiente, sempre tenho à minha disposição todas as informações necessárias. Tenho tudo lá...

Você não precisou como tem todo este potencial para escrever. Mas alguém o levou a se interessar por literatura. Pai, mãe, tio, quem o estimulou?

Minha mãe. Ela era formada em Letras e Artes e nos ensinava a ler. Não a lê, mas a ler. É aquela velha estória de andar de cavalo e montar...

“O brasileiro é um péssimo leitor. Lê menos de um livro por ano. Os argentinos chegam a oito, os japoneses pulam para 30 e os franceses passam dos 20”.

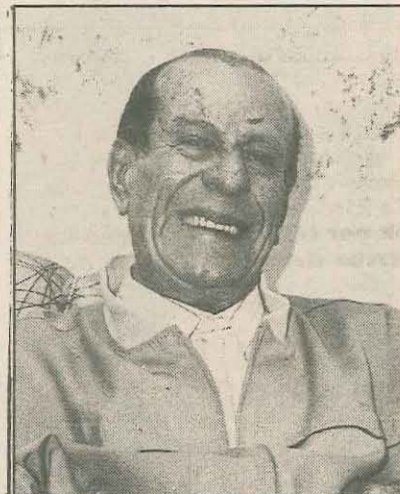
Academia lembra Almeida Fischer

Na sessão solene destinada a receber o poeta João Carlos Teixeira, na Academia de Letras do Brasil, fundada em 25 de julho de 1987, o acadêmico José Geraldo prestou uma homenagem ao fundador-mor da entidade, o escritor Almeida Fischer lembrando, entre outras coisas, a sua luta incessante em defesa da literatura. O discurso foi emocionante e o "DF Letras" publica seus trechos principais.

A academia acaba, aliás, de receber em seus quadros o escritor Napoleão Valadares que ocupa a cadeira nº 06 que tem como patrono Euclides da Cunha. Saudado pelo escritor Danilo Gomes, presidente da Associação Nacional dos Escritores, Valadares organizou as antologias Planalto em Poesia (1987) e Contos Correntes (1988), entre outras obras.



Os escritores Napoleão Valadares, José Geraldo e o poeta Anderson Horta



Almeida Fischer

Neste momento em que tenho a grata satisfação de declarar aberta a Sessão Solene desta noite, destinada a receber o poeta João Carlos Taveira, gostaria de dirigir estas breves palavras aos prezados amigos que nos vieram prestigiar.

Nos tempos que se seguiram à fundação da Academia de Letras do Brasil — ocorrida em 25 de julho de 1987 — éramos quatorze (quatro dos quais — Geraldo Pinto Rodrigues, Caio Porfírio Carneiro, Ledo Ivo e Renard Perez — residentes fora de Brasília) e, numa fase que pode considerar-se de implantação, outros eminentes escritores de diversas Unidades da Federação, como Hernâni Donato, Paulo Amador, Patrícia Bins e Jorge Medauar, uma vez eleitos, tomaram posse através da assinatura do termo respectivo. A partir daí, ficou decidido que o ingresso dos novos Acadêmicos ocorreria em Sessão Solene, sendo esta a razão pela qual a primeira só hoje se realiza, quando a Instituição já se aproxima dos seis anos de existência. Dos cinco últimos elei-

tos, Napoleão Valadares e Luiz Manzóllilo (de Brasília) e Hélio Pólvora (de Salvador) já manifestavam interesse em empossar-se e pelo menos dois deverão fazê-lo ainda em 1993.

Nesta hora — ao mesmo tempo tão grata e cercada de tanta emoção para todos nós — não apenas desejo, mas sinto-me na obrigação de prestar nossa mais sincera homenagem à memória do Fundador-Maior desta Entidade — o eminente e saudoso Almeida Fischer.

Se de alguém pode dizer-se ter vivido para a Literatura, é dele que se está falando. Vitorioso como escritor, deixou obras altamente significativas na órbita do conto e do romance; eminentemente crítico — e podemos considerá-lo um dos mais importantes da atualidade — deixou nos seis volumes de O Áspero Ofício (além de no material não publicado em livro) uma enorme quantidade de artigos sobre o conto, o romance e a poesia, nos quais tanto aumentou a glória de valores consagrados, quanto re-

velou um grande número de valores novos.

Quem conviveu com Almeida Fischer, certamente se deu conta de estar diante de um homem extraordinário, de temperamento absolutamente invulgar, de caráter tão sólido quanto se pudesse presumir, e era isso que lhe dava o direito de ser intransigente como era em resguardar seus pontos de vista, principalmente quando se tratava de defender autores ou instituições literárias a que estava ligado e cujo valor reconhecia. Muito sugestiva demonstração disso — e que conto aqui sem conhecimento do protagonista — vem do caso em que, numa Assembléia Geral da Associação Nacional de Escritores, Alan Viggiano, então seu Presidente, apresentou uma proposta que envolvia o patrimônio da Entidade. O alvitre, aparentemente simpático a vários integrantes do grupo, foi vetado por Almeida Fischer, que alegava não estar a matéria examinada em profundidade. O assunto — justificado por um e contestado pelo outro —

entrou rapidamente em desagradável evidência e a tensão logo se espalhou entre os integrantes do grupo, que lamentavam ver dois queridos companheiros à beira de uma desavença. O andamento dos trabalhos indicava a votação da matéria e todos esperavam por isso, sob evidente constrangimento, quando o Presidente retirou a proposta e a paz voltou ao nosso meio. Tenho a certeza de que, em qualquer outra circunstância, a sessão teria seguido seu rumo normal, mas — diante de tal opositor — Alan recuou e do episódio ficou a certeza de que tamanha era a autoridade de Fischer e tão a sério se levava seu ponto de vista, que era senhor dos destinos da Associação Nacional de Escritores, que idealizou, ajudou a fundar, como também o fez em relação à Academia Brasileira de Letras e à Academia de Letras do Brasil, tendo sido o único fundador comum às três Entidades.

No que respeita ao desacordo antes mencionado, ocorrido entre ele e Alan Viggiano,

engana-se redondamente quem supuser que este último guardou alguma mágoa do velho companheiro, bastando, para tanto, que se leia o seu artigo Um Minuto de Silêncio, escrito "in memoriam" de Almeida Fischer e publicado em o número 28 do Boletim da Associação Nacional de Escritores, cujas palavras finais vão aqui transcritas:

"Ele vai fazer falta porque, durante mais de cinquenta anos, colocou a literatura como sua única preocupação; dia e noite, noite e dia. Brigava a toda hora por causa dela. Nunca fez concessões de qualquer espécie. Foi chamado de estivador da Cultura e até gostou".

O que se segue é que — sem ter feito consulta ao novo Acadêmico — dedico à memória de Almeida Fischer esta solenidade que oficialmente se destina à recepção do poeta João Carlos Taveira.

A todos os presentes as boas-vindas desta Casa, que é a Casa de Almeida Fischer.



Geraldo Magela-PT

A Constituição Federal que querem, a todo custo, reformar, ainda não foi sequer regulamentada. Passados cinco anos de sua promulgação, 141 artigos não foram regulamentados e mesmo assim já pretendem praticamente fazer outra Constituição.

Do ponto de vista legal, estamos certos de que reforma constitucional prevista estava diretamente ligada ao plebiscito para escolha do regime e forma de governo. Como resultado da consulta popular manteve o atual sistema, não há por que revisar. O que se faz necessário é colocar em vigor o texto constitucional existente e promover as alterações necessárias, por emendas à constituição.

Prevalendo o interesse das elites em reformar a Constituição, o Distrito Federal corre grave risco de ver sua autonomia política e econômica reduzidas. No Congresso Nacional existe, desde o período Constituinte, uma expressiva corrente defendendo a nossa organização como município, o que acarretará o fim da Câmara Legislativa, a perda do controle sobre suas políticas e a diminuição de nossa arrecadação tributária, na medida em que a maior arrecadação provém do ICMS, imposto de competência estadual.

Sem dúvida, a redução da arrecadação agravará a nossa dependência financeira em relação ao Governo Federal, pois atualmente a dependência se limita, principalmente, às despesas com pessoal. No entanto, se perdermos o ICMS todos os nossos investimentos na construção de novas unidades de saúde, escolas e delegacias estarão sacrificadas devido à falta de recursos.

Neste momento, a defesa dos interesses de nossa cidade passa pela insistência no combate à revisão constitucional, pois esta somente servirá para retirar as conquistas dos trabalhadores e colocar o Distrito Federal na mais completa dependência do Governo Federal.

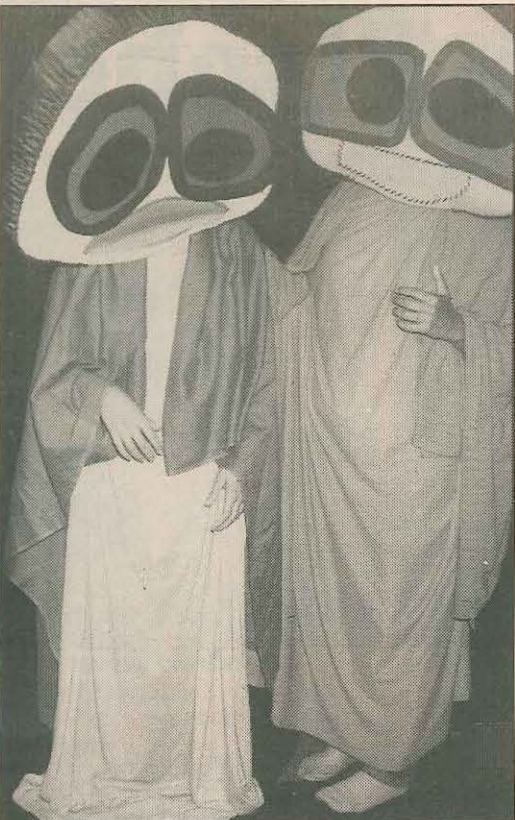


Gilson Araújo-PP

Estigmatizada como cidade improdutiva, pela maioria da população brasileira, Brasília não é entendida de forma clara no seu papel. Esta injustiça extrapola o limite da incompreensão porque Brasília não é drenadora de recursos da União como apregoam alguns. A função de Brasília de executar atividades especiais como cidade administrativa faz com que, de forma justa, o Governo Federal financie os custos dos serviços públicos, que são significativos. Este custeio não é feito de forma

adequada porque se destina apenas à Segurança, Educação e Saúde. Quando precisa de recursos para atender outras áreas, Brasília é tratada como independente. Este equívoco merece atenção especial e uma correção condizente com a atuação de Brasília no panorama Nacional. Isso porque, o PIB de Brasília gira em torno de seis bilhões de dólares, superior ao de muitas capitais brasileiras.

Sem dúvida nenhuma, essa renda é justificada pelo fato de Brasília ser capital federal onde 65 por cento da renda interna e 18 por cento dos empregos estão centralizados no setor privado. Isso prova que Brasília não é improdutiva porque gera renda conforme sua vocação constitucional, alcançando diretrizes geradoras de empregos. Paradoxalmente, a União é grande beneficiadora desta arrecadação e quando no repasse de verbas, Brasília é beneficiada apenas com uma parte da sua arrecadação.



Os figurinos das personagens, seguindo o enredo das peças, são desenvolvidos por integrantes do grupo.

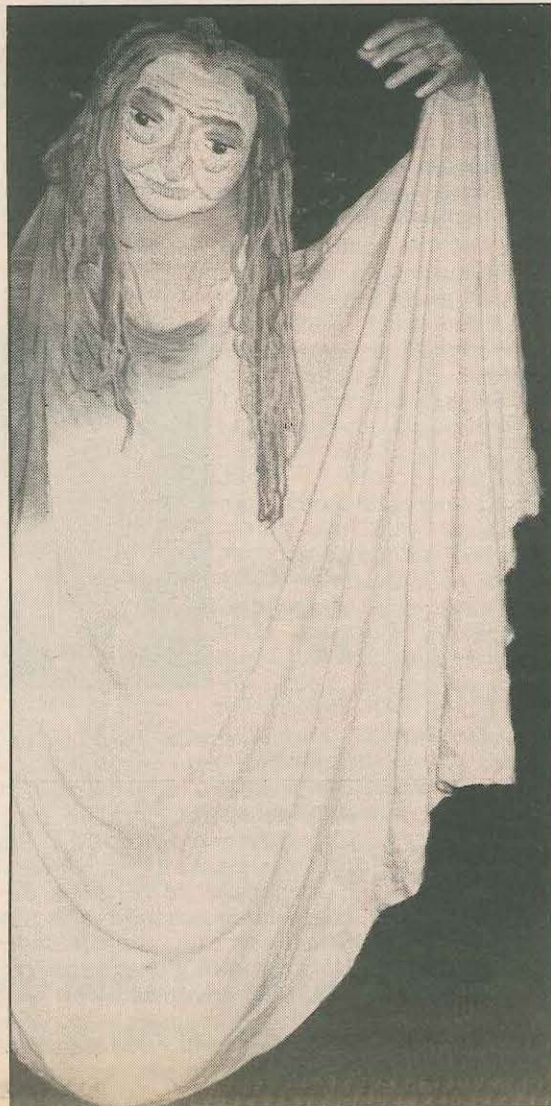
A arte do Celeiro das Antas

A idéia básica é "abrir caminhos para a arte". Daí o nome "Celeiro das Antas", um grupo de teatro de Taguatinga que, sem ajuda oficial, já montou vários espetáculos como a peça "Quem matou Zefinha". Segundo Humberto Pedrancini, um dos mentores da *troupe*, "a anta é aquele animal que, devagarinho, consciente do que quer, trilha e abre os seus próprios caminhos". Daí o nome. Daí a disposição do grupo em produzir arte.

O "Celeiro das Antas" funciona na CNB 07, Lote 14, Loja 01, telefone para contato 351-7766. É aí onde tudo acontece. Os integrantes do grupo, atores, atrizes e diretores, quando surge uma idéia para um espetáculo, não brincam em serviço: promovem no espaço os ensaios e, o que é ainda mais interessante, constroem o próprio cenário.

O trabalho coletivo é feito com meticulosidade. Com a idéia na cabeça e a disposição nas mãos de concretizá-la o grupo, após viver, sentir, em profundidade o texto, vai criando as cenas e os figurinos das personagens. Tudo ensaiado, tudo dentro da filosofia de "abrir caminhos", apresenta o espetáculo.

A afinidade dos integrantes do grupo, a filosofia comum de trabalhar voltado para a comunidade, tem dado ao "Celeiro das Antas" o que todo artista deseja: o respeito e o carinho do público. As manifestações são tão gratificantes que o grupo resolveu, para continuar independente das verbas e da burocracia oficiais, criar uma espécie de "ação entre amigos". Quem é, de fato, admirador do grupo pode contribuir com quantias bimestrais que oscilam entre mil e dez mil cruzeiros reais. O celeiro espera você. Em nome da arte, que é a mais sublime das intenções.



A única Antologgia

Três Anos

Durante a Feira do Livro de Brasília será lançada a 3ª edição de ANTOLORGIA (com um "r" a mais), livro de poemas de Berecil Garay, inspirado em situações brasilienses sentidas pelo poeta. A propósito, transcrevemos a "Apresentação", do próprio autor, e alguns poemas.

APRESENTAÇÃO

Sai a 3ª edição de minha ANTOLORGIA. Explico novamente: antologia é florilégio, mas esta minha tem um erre a mais. Pretendi fazer o mais lindo buquê, uma orgia de flores, no bom sentido, uma exuberância.

Para esta ANTOLORGIA colhi poemas em meus livros TEMPO DE MUSA (1957), MORDIDAS NO MINGAU (1983), CANTEIRO DE IDEAIS (1986), que se encontram esgotados e poderão ser reeditados quando Deus quiser, e no inédito FOGO-FÁTUA.

Das edições anteriores enviei exemplares aos jornais, às tevês, às rádios, ao Palácio do Buriti (para ver se deferiam minha "Gota de Reivindicação" e "Três Anos"), a poetas e críticos literários.

Os jornais noticiaram, apenas notas, mas valeu; do Buriti, recebi telegrama do governador José Aparecido de Oliveira: "Agradeço o envio de seu novo e belo livro"; o crítico literário Almeida Fischer acentuou: "Alguns poemas atingem o alvo"; do Rio, Marina Colasanti mandou cartão: "É bonito ver nossos trabalhos se espalhando, gerando novos trabalhos que irão atingir outros leitores, em longa corrente"; de Porto Alegre, a poeta Carmen Vianna: "Seu belo ramalhete de poemas trouxe-me alegria". Vários registros, enfim, que, somados à força poética, não conseguiram fazer funcionar os chafarizes objeto de dois de meus poemas de circunstância. É difícil mover este mundo. Mas acho que, com mais esta assoprada, alguns ouvidos (e os chafarizes) vão desentupir-se.

É o que espero desta nova edição, aumentada e mais bonita no aspecto gráfico: que faça alarde, agite, movimentamente.

Anime-se, leitor. Sou torcedor de mim, mas, independente disso, acho que vale a pena dar uma lida — o crítico Fischer diz que sim: "Merece leitura" — ou, no mínimo, fazer uma boa inspiração e dar uma cheirada. Afinal, são flores, flores do coração.

Berecil Garay
Brasília/93 (período da seca).

Três anos: o nenê cresce, o homem envelhece, e eu sinto que o tempo parou, mofou, não aconteceu. Ilustre Governador, por certo, não sou cantor regional nem orador oficial, mas jogo o mote: a água é o germe da vida, a seca, o verme da morte. Minha voz ressoa unida a doze bocas sem sorte, maltratadas, entupidas no Eixo Sul e Eixo Norte, sem padrinho nem parteira. Acreditei-me voz forte, como a de Manuel Bandeira que em versos traçou esquema e um beco calçou, no Rio, com uma carta-poema. Eu versejei, com uma "Gota de Reivindicação", água a doze chafarizes de Brasília, até então secos, em 83. Três anos: é 86. Volto a vê-los: lá estão secos como em 83...

A Iluminada

Brasília brilha na noite, é um grande colar de luzes no pescoço do horizonte, ponte da terra até os céus, dos diamantes ao sol, das criaturas a Deus. Ou é um disco voador a iluminar o cerrado e revelar minha dor.

Gongo Zen

Usa teu minuto.
Plantada, a árvore faz
maturar o fruto.

Toque

Quem com ferro fere
— diz o ditado. Não erre,
toque com amor.

Beleza

A maçã mais bela
entre todas é escolhida
para ser comida.